



Entra a Filha do Silvio Santos e Volta a Patrícia Abravanel: Estripulias Expressivas no Programa do SBT “Máquina Da Fama”¹

João Paulo Hergesel²

Universidade Anhembi Morumbi

Resumo

O “Máquina da Fama” é um programa de auditório que consiste na competição entre covers e na transformação de artistas convidados em fenômenos do cenário musical. Fechando o ano de 2015 na vice-liderança em audiência e iniciando 2016 com constantes vitórias sobre Xuxa, o formato é responsável por momentos marcantes na história contemporânea do SBT. Levando isso em consideração, questionou-se como os recursos expressivos utilizados por essa narrativa sugerem atingir a sensibilidade do telespectador. Para tentar responder a essa indagação, analisou-se um trecho do programa em que a apresentadora Patrícia Abravanel estabelece diálogo com ela própria, como se fossem personalidades distintas, antes de executar a tarefa de imitar a cantora Beyoncé. Pretendeu-se, com isso, investigar se as figuras de linguagem funcionam como elementos ativadores de criatividade e aproximação, consolidando as marcas estilísticas do produto e atribuindo sentido a essa representação midiática.

Palavras-chave: Análise de produtos audiovisuais; Televisão; SBT; Máquina da Fama; Estilística.

1. Introdução

Toda noite de segunda-feira, pouco depois das 23 horas, a tela do SBT se despede da bagunça liderada por Ratinho, na atração diária que leva seu nome, e se preenche com o roxo e o rosa-choque de sua visualidade multicromática, além da batida rápida e ritmada de sua sonoridade festiva. Trata-se do “Máquina da Fama”, programa de auditório apresentado por Patrícia Abravanel e dirigido por Michael Ukstin desde 2013 e que compreende uma competição entre *covers* resultados de anônimos transformados em seus ídolos.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 02 – COMUNICAÇÃO, CONSUMO e IDENTIDADE: materialidades, atribuição de sentidos e representações midiáticas, do 6º Encontro de GTs – Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2015.

² Doutorando em Comunicação pela UAM e bolsista PROSUP/Capes. Membro dos Grupos de Pesquisa Inovações e Rupturas na Ficção Televisiva Brasileira (UAM/CNPq) e Narrativas Midiáticas (Uniso/CNPq). Contato: jp_hergesel@hotmail.com. Orientação: Prof. Dr. Rogério Ferraraz.



Cada participante se apresenta, inicialmente, como pessoa não midiática e, após passar por um tratamento de maquiagem, cabelo, voz e coreografia, interpreta o artista escolhido, em cenário exclusivamente montado para tal. A plateia é responsável por escolher as melhores performances da noite, que são premiadas com valores que vão de R\$ 2 mil a R\$ 5 mil. Além das apresentações com anônimos, no entanto, o programa também recebe artistas convidados, que participam de um quadro denominado “Desafio da Máquina”.

No “Desafio da Máquina”, o participante – geralmente, cantor conhecido nacionalmente ou alguma personalidade do elenco da própria emissora³ – gira uma roleta virtual para descobrir qual fenômeno do cenário musical terá de encenar. Em seguida, o participante dirige-se à Máquina⁴ e, no final do programa, retorna trajado e maquiado tal qual a celebridade que terá de performar e executa seu espetáculo em um cenário que imita o do videoclipe da canção apresentada.

O sucesso do quadro pode ser percebido não apenas nos índices de audiência – após sua estreia, o programa, que vinha oscilando entre o segundo e o terceiro lugar, consolidou-se na vice-liderança e acumula vitórias consecutivas sobre o “Xuxa Meneghel”, da Rede Record⁵ – como também na TV on-line⁶. No canal oficial do “Máquina da Fama” no YouTube⁷, os quatro vídeos mais assistidos são do “Desafio da Máquina”, estando, em ordem de maiores

³ Utiliza-se, aqui, o termo “emissora” desvinculado da ideia clássica de emissor/receptor, mas como um sinônimo para “estação de televisão”, assim como “canal” e “grupo televisivo”.

⁴ A Máquina é basicamente a personagem central da narrativa. Mesmo sendo um mecanismo que se assemelha a uma porta giratória e apenas leva o participante do palco para os bastidores, ela assume a função de ser a responsável pela transformação do anônimo em famoso. Seria como um portal mágico que, num giro de 360 graus, prepara uma megaprodução, tanto na pessoa como no cenário.

⁵ “Máquina da Fama” conquista décima vitória consecutiva sobre programa “Xuxa Meneghel”. **Área Vip**, 2 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/2P1bVt>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

⁶ Utiliza-se o termo “TV on-line” no sentido de “extensão de apenas uma emissora”, isto é, “no sítio das emissoras off-line na internet, encontram-se basicamente imagens de arquivo dos programas, e, eventualmente, imagens de arquivo de vídeos relacionados feitos exclusivamente para exibição on-line [...] diferentemente da TV off-line (em que é preciso aguardar o início de um programa), na TV on-line o usuário é quem decide ao que quer assistir e quando e em qual sequência (a não ser quando, também mais raramente, a emissora oferece assistir a uma transmissão simultânea)” (KILPP, 2015, p. 2).

⁷ Canal Máquina da Fama. **YouTube**. Disponível em: <<https://goo.gl/dXuypj>>. Acesso em: 15 fev. 2016.



visualizações: Chiquititas imitando Fifth Harmony⁸; Maisa Silva imitando Lady Gaga⁹; Carrossel imitando One Direction¹⁰; e Sophia Valverde imitando Dorothy d'O Mágico de Oz¹¹.

Visto que os mais benquistos são os vídeos em que os participantes pertencem ao elenco do SBT, propõe-se, neste trabalho, uma análise sobre o programa de 14 de dezembro de 2015, quando a própria apresentadora, após estabelecer um diálogo inicial com ela mesma, como se fossem personalidades distintas¹², executou a tarefa de imitar a cantora Beyoncé¹³. Optou-se pela análise estilística como metodologia, pois acredita-se que verificar as marcas de estilo, tanto em caráter sonoro como imagético, é fundamental para compreender o êxito do programa enquanto atração popular.

Faz-se um adendo, neste ponto, para explicar o que se entende por “análise via Estilística” e “análise do estilo”. Os estudos do estilo têm conquistado seu espaço na comunicação audiovisual, sobretudo em se tratando da conceituação para o cinema¹⁴, já transposta para a televisão¹⁵: a de que o estilo é a composição de encenação, movimento de câmera, edição, som e artes gráficas. No Brasil, o estudo do estilo começou a ganhar força na segunda metade da década de 2000, devido às traduções da bibliografia bordwelliana¹⁶.

⁸ Máquina da Fama (29/06/15) – Meninas de Chiquititas cantam Fifth Harmony. **YouTube**. Disponível em: <<https://goo.gl/jDSVN>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

⁹ Máquina da Fama (17/08/15) – Maisa Silva vira Lady Gaga no “Desafio”. **YouTube**. Disponível em: <<https://goo.gl/uiuszp>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

¹⁰ Máquina da Fama (06/07/15) – Desafio: Meninos de Carrossel cantam One Direction. **YouTube**. Disponível em: <<https://goo.gl/uW2YOA>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

¹¹ Máquina da Fama (22/06/15) – Desafio: Sophia Valverde interpreta Dorothy. **YouTube**. Disponível em: <<https://goo.gl/KfiUCr>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

¹² Máquina da Fama (14/12/15) - Patricia vira Beyoncé no Desafio da Máquina. **YouTube**. Disponível em: <<https://goo.gl/IUK8Ut>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

¹³ Máquina da Fama (14/12/15) - Patricia recebe a própria Pati no Desafio. **YouTube**. Disponível em: <<https://goo.gl/Ow7sLb>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

¹⁴ “No sentido mais estrito, considero o estilo um uso sistemático e significativo de técnicas da mídia cinema em um filme. Essas técnicas são classificadas em domínios amplos: *mise-en-scène* (encenação, iluminação, representação e ambientação), enquadramento, foco, controle de valores cromáticos e outros aspectos da cinematografia, da edição e do som. O estilo, minimamente, é a textura das imagens e dos sons do filme [...]” (BORDWELL, 2013, p. 17).

¹⁵ “Style, as I will be using the term, signifies the patterning of techniques, the syntagmatic and paradigmatic relationship of one element to other elements within a textual system [...] in terms of space (*mise-en-scène* and videographic properties)” (BUTLER, 1986, p. 55).

¹⁶ “Até há alguns anos, David Bordwell era pouco conhecido no Brasil. Apesar de, desde o final dos anos 1970, ter publicado livros fundamentais para os estudos de cinema, era possível acompanhar encontros de pesquisadores sem que o seu nome fosse ouvido uma única vez. Um dos problemas era a escassez de traduções, situação que se



Já a análise via Estilística¹⁷, comumente *restringida* ao texto verbal, não é *restrita* a essa modalidade de linguagem, mas pode ser verificada em outras manifestações de expressão. Para isso, avalia-se a obra em fonética, morfologia, sintaxe e semântica¹⁸ ou – para não soar tão gramatical – harmonia, tropos, construção e pensamento¹⁹. Para uma análise estilística completa, portanto, acredita-se na união do estudo do estilo com a Estilística propriamente dita: o primeiro, nos aspectos que tendem à visualidade e à sonoridade; e a segunda, no que se refere aos fenômenos verbais de fala e escrita, também pertinentes ao produto audiovisual.

Voltando ao *corpus* da pesquisa, o “Máquina da Fama”, é relevante mencionar que o programa se derivou da versão brasileira de “*My Name Is*”, produto criado pela FremantleMedia e que recebeu o nome no Brasil de “Famoso Quem?”²⁰. O programa, formado por um repórter e três jurados, além dos preparadores artísticos, era veiculado nas noites de sábado e oscilava entre 4 e 5 pontos de audiência – abaixo da expectativa da direção artística da emissora²¹ – durante os quase dois meses que ficou no ar.

Diante da constatação de que o estranhamento foi causado por o formato original não conter as marcas de estilo da emissora, o SBT sugeriu modificações para a segunda temporada, as quais foram rejeitadas pela criadora. Com base nisso, o canal resolveu romper contrato e desenvolver sua própria competição de *covers*, trocando o repórter por uma apresentadora e os jurados por uma plateia – configurando, de fato, um programa de auditório, principal

atenuou apenas a partir de 2005, quando começaram a ser publicados no país alguns de seus artigos e livros. Logo se multiplicaram comunicações, artigos, dissertações e teses com base nas ideias de Bordwell ou tendo-as no horizonte” (PUCCI JR., 2014, p. 2).

¹⁷ “Estilística estuda os fatos expressivos da linguagem organizada de acordo com seu conteúdo emocional, quer dizer, a expressão dos fatos da sensibilidade por meio da linguagem e a ação dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade” (BALLY, 1909).

¹⁸ “O estudo da Estilística abarca, semelhante à Gramática, todos os domínios do idioma [...]. A estilística fônica procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons. A estilística morfológica sonda o uso expressivo das formas gramaticais. A estilística sintática procura explicar o valor expressivo das construções. A estilística semântica pesquisa a significação ocasional e expressiva de certas palavras” (BECHARA, 2009, p. 618-619).

¹⁹ Termos adotados por Guiraud (1970). Martins, N. (2008) utiliza os termos “estilística do som”, “estilística da palavra”, “estilística da frase” e “estilística da enunciação”. Monteiro (1991; 2005) os denomina metaplasmos, metataxes, metassememas e metalogismos. Suhamy (s.a.) sugere a divisão em seis grupos: tropos, repetição e amplificação, construção, retórica, elipses e pensamento. Para este trabalho, contudo, segue-se a nomenclatura atribuída por Henriques (2011): fonoestilística, morfoestilística, taxioestilística e semasioestilística.

²⁰ Famoso Quem? – Página oficial. SBT. Disponível em: <<http://goo.gl/9dnEeH>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

²¹ Programas do SBT registram péssima audiência no sábado; “Máquina da Fama” estreia em baixa. **RD1**, 10 de novembro de 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/mfAahD>>. Acesso em: 15 fev. 2016.



característica do SBT –, além de realocar o horário de exibição para as noites de segunda-feira. O resultado foi que, logo no primeiro mês, a audiência subiu para 7 pontos no IBOPE, contra apenas 4 da Rede Record²².

2. Estripulias Expressivas no “Máquina da Fama”

Oferece-se, aqui, uma leitura da cena em que Patrícia Abravanel convida ela própria para subir ao palco e, diante de si enquanto outra, faz uma breve entrevista, fortalecendo a ideia de haver duas personalidades distintas: a apresentadora (A) e a participante (P). Tanto os registros visuais (técnicas utilizadas para enquadrar e estabelecer os cortes) como a sonoridade (representada pelo diálogo e pelas falas simultâneas) contribuem para personificar cada uma das Patrícias, chegando a confundir o telespectador mais desatento²³.

(Plongê. A apresentadora, de camisa e calça brancas brilhantes, está caminhando na passarela, dirigindo-se para o palco, com a plateia nas laterais. Dá meia volta. Mudança de câmera. Plano americano. Ela está com o olhar direcionado para a câmera, centralizada no plano e com luzes de holofote sendo lançadas atrás de seu corpo, do centro para as laterais do enquadramento. Enquanto fala, em companhia de uma sonorização de música latina, o gerador de caracteres mostra seu nome de usuário no Instagram e o logotipo da emissora, com a menção “closed caption” logo acima, em caixa-alta.²⁴)

Nesse início, a figura de Patrícia Abravanel é tratada como estrela (nos dois sentidos da palavra: tanto no de personalidade famosa como no de astro sideral). No momento em que anda sobre a passarela, ela é ovacionada de forma ritmada e incansável pelas pessoas do auditório. Também é observável certa alusão da cor de sua roupa perolada à luz emitida pelas constelações, além da iluminação em faixas, ao fundo, remetendo às pontas de uma estrela real.

²² Máquina da Fama fecha o mês de janeiro na vice-liderança. **Portal O Planeta TV**, 30 de janeiro de 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/AIX9vY>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

²³ Na página do vídeo no YouTube, existem diversos comentários de usuários se perguntando quem seria a atriz que interpretou a segunda Patrícia ou até mesmo se questionando se a apresentadora teria uma irmã gêmea. Neste trabalho, optou-se por desconsiderar a discussão acerca da troca de informações realizadas na página virtual, uma vez que tal proposta desviaria o foco desta pesquisa.

²⁴ Para mencionar os tipos de plano, adotou-se a nomenclatura apresentada por Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété, no livro “Ensaio sobre a análise fílmica”.



A música latina sugere a atmosfera de alegria do programa, um fenômeno característico do SBT²⁵.

A: E esse mês de dezembro continua superespecial. Tá vindo aí uma artista que eu conheço ela há muito tempo. Ela é da família e já esteve várias vezes aqui no nosso palco. Com vocês, Patrícia Abravanel!

Há uma demarcação de tempo/espaço e também de afinidade. Primeiramente, é ressaltado que a exibição do programa ocorreu no mês de dezembro, o que prejudicaria reprises em outro mês, fato recorrente na emissora. Em seguida, antes de mencionar o nome do participante, cria-se um vínculo de afetividade e autoexaltação, destacando que, além de ser “da família”, isto é, alguém próximo da apresentadora, ainda é “artista” e “já esteve várias vezes no palco”. O pensamento do telespectador tende a se limitar: dos artistas da família Abravanel, ela é a única que marca presença semanalmente no programa.

A adivinha desenvolvida para quem está assistindo (e não consultou previamente as chamadas do programa ou a sinopse de seu conteúdo) é, portanto, facilmente solucionada. Ao pronunciar o próprio nome, no entanto, espera-se gerar um gatilho para o sentimento de surpresa: afinal, como ela entraria na *mise-en-scène*, se ela já está em cena? O questionamento se soluciona apenas depois de um rápido *flashback*, retomando, em pequenos momentos, algumas apresentações artísticas de Patrícia.

(Ocorre uma breve exibição de trechos de covers já realizados por Patrícia, iniciando em Whoopi Goldberg e passando por Carmen Miranda e Jennifer Lopez, em microexcertos sem o áudio da apresentação, seguido de fragmentos sonorizados de Carmen Miranda, Shakira, Jennifer Lopez e Pequena Sereia. Um foco de luz encerra o vídeo e a imagem da apresentadora é novamente visualizada.)

A retomada de tais performances realizadas ao longo da carreira de Patrícia ajuda a endossar a ideia de ela ser uma “artista”, uma estrela, alguém transformado pela Máquina, personagem fundamental dessa narrativa. Os telespectadores não assíduos tendem a assimilar a desenvoltura da apresentadora e seus aparentes multitalentos; já aos mais fiéis cabe relembrar

²⁵ “[...] a alegria se mostra como um sentimento chave na relação de mútua dedicação: o SBT sente-se alegre em poder compartilhar sua programação com o telespectador, que, por sua vez, também sente alegria ao se ver no SBT e fazer parte dessa família” (MARTINS, R. 2014, p. 14).



cada um dos momentos e aproximar da ideia de Silvio Santos, ícone principal da estação, já ter elogiado o desenvolvimento da filha enquanto fenômeno midiático²⁶.

A: E pode entrar, Patrícia.

(Mudança de câmera. Plongê. Patrícia entra com camiseta vermelha e calça azul, também sob aplausos da plateia. A partir desse momento, ocorre a alternância de câmeras: ora, a apresentadora é posicionada em plano americano; ora a participante é registrada, também nesse tipo de plano; ora as duas são enquadradas em plano conjunto. Os holofotes projetam inúmeras estrelas no chão do palco.)

Torna-se evidente que, embora o percurso realizado pela participante tenha sido o mesmo que a apresentadora tomou alguns segundos antes, a que acabou de entrar ainda não está pronta para ser considerada famosa. Suas roupas cotidianas e visual básico, sem muita maquiagem ou penteado caprichado, levam a crer que será necessária a ajuda da Máquina para que ela se prepare e brilhe no palco.

A: Ê, Patrícia! Finalmente você veio.

Nessa fala, a apresentadora distorce a ideia sugerida inicialmente: a de que está toda noite de segunda-feira à frente do programa e, com isso, sendo admirada por meio desse canal. O efeito provocado é de que a participante, enquanto pessoa distinta da apresentadora, já havia sido convidada outras vezes para estar ali (não necessariamente pela primeira vez, visto o que foi mencionado anteriormente, mas como uma visita que faz bastante tempo que não aparece), mas só então resolveu aceitar.

P: Boa noite, Patrícia. Boa noite, pessoal de casa. Eu tô feliz de tá aqui.

A partir daqui, não existem apenas dois interagentes; o público que assiste pela televisão se torna o terceiro participante do diálogo, um personagem coletivo, ainda que não venha a interagir ou modificar o trajeto previsto para a narrativa. Ao cumprimentar o telespectador, a participante cria um vínculo não apenas com a apresentadora à sua frente, mas com todos que estão atentos à sua fala. Em outras palavras, cria-se um convite para o público participar da

²⁶ Mais pai do que apresentador, Silvio usa Teleton para promover Patrícia. **Blog do Maurício Stycer**, 25 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/oYUeLg>>. Acesso em: 15 fev. 2016.



obra, outra particularidade comum nos programas de auditório do SBT, incentivada por Silvio Santos²⁷.

A: Como você se descobriu cantora?

Inexiste a possibilidade de ela não ser cantora; a função é automaticamente designada a ela. Mesmo assim, o ato de cantar não é proposto como dom congênito, nem como resultado de um esforço contínuo, mas como descoberta derivada de uma experiência.

P: Foi aqui que eu me descobri cantora. (Risos.) Na verdade, teve uma vez que eu fui lá atrás, na Mara Maravilha, que eu acho que eu tinha muita vontade de cantar. E daí eu fui lá, e ‘ranquei o microfone da mão dela, e dancei pra caramba. Acho que ali já tinha uma coisa assim de eu querer se cantora.

Ao indicar o local em que a função de cantora lhe foi outorgada, Patrícia assume que participar do “Máquina da Fama” é um processo para qualquer pessoa manifestar seu talento. Ainda na fala, ela relembra seu passado, já conhecido pelos fãs, quando saiu do auditório do “Show Maravilha”²⁸ e invadiu o palco, ganhando atenção das câmeras e dividindo o destaque. Seu entusiasmo é percebido pelo polissíndeto²⁹ adotado, além de a coloquialidade – registrada, sobretudo, com uma aférese³⁰ – a aproxima de um nível de linguagem popular, outro elemento que permeia o SBT³¹.

(A apresentadora acena com a cabeça, sorrindo, como que consentindo em tempo real o que a participante comunica.)

P: Daí na hora que me deram um programa assim... (Chacoalha a mão, para os lados, como que indicando a proximidade com a apresentadora.) Cê sabe, né? Tipo “Máquina da Fama”. Aí eu me realizei, era tipo coisa de infância. (Risos.)

²⁷ Nos programas de auditório do SBT, a personalidade que está em cena “[...] dirige-se diretamente ao público que assiste ao vivo e, ao se posicionar em frente à câmera, ao telespectador que está em casa. Dialogar é, então, uma qualidade essencial a esse gênero, ajudando a fazê-lo ser reconhecido como tal” (SOUSA, 2011, p. 35).

²⁸ “Show Maravilha” foi um programa infantil apresentado por Mara Maravilha e exibido pelo SBT no final dos anos 1980. A participação de Patrícia Abravanel, ainda criança, ocorreu em 1987, segundo informações do arquivo do SBT. Verificar vídeo em: <<https://goo.gl/C1786h>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

²⁹ Polissíndeto é a figura de construção que consiste repetição de uma conjunção coordenativa no início de cada oração e que tende a resultar numa “sugestão de movimentos, estados ou ações que se sucedem rápida ou ritmicamente” (HENRIQUES, 2011, p. 114). No caso, tem-se a repetição constante do “e”.

³⁰ Aférese é a figura de harmonia, também considerada um “metaplasmo”, gerada pela “supressão de fonema ou sílaba no início de palavra” (MONTEIRO, 2005, p. 64). No caso, tem-se o neologismo “ranquei”.

³¹ “O SBT, fundado sobre um conceito de popularidade, apropria-se categoricamente desse estilo neotelevisivo [...] O SBT é um canal que espelha o cidadão comum e se apoia na estratégia de identificação e aproximação com o público” (SOUSA, 2011, p. 46).



A: E até hoje foram quantos shows?

P: Foram vários shows. Foram... O primeiro que eu fiz foi o da Carmen Miranda, foi sensacional. Shakira. Foi Frozen, depois foi Ivete. Depois foi a Whoopi, que foi superdivertido. A J-Lo, megaprodução, máximo. Aí foi a Xuxa. Aí começou aquela coisa assim, de eu voltar à infância. Xuxa, Pequena Sereia, e aí depois... Eu tô aqui hoje.

(O auditório aplaude.)

É visível que, enquanto a apresentadora assume uma postura mais formal, com frases curtas e dentro da norma-padrão da Língua Portuguesa, a participante demonstra-se mais solta, expressando-se em nível coloquial. A quebra de paralelismo³² na oratória da participante é a maior representação de seu estilo popular, levando a crer na inexistência de um roteiro – o que fez com que ela tivesse de responder às perguntas com base na espontaneidade e no improviso – ou, até mesmo, de um roteiro pautado nesse cuidado estilístico. A ovação da plateia corrobora a aceitação do público.

A: Me fala qual desses você gostou mais.

P: Todos tiveram uma coisa diferente. Eu amei fazer Xuxa. (Exibe-se um trecho mudo da apresentação, em concomitância à fala dela.) Eu acho que realizei o sonho de várias pessoas na hora em que eu descí daquela nave lá, sensacional. (Exibe-se um trecho da apresentação como J-Lo.) Amei J-Lo, ficou lindo. (Exibe-se um trecho da apresentação como Shakira.) Shakira, que eu dancei. Ai, todos tiveram um... (Volta para Patrícia no palco.) Um sabor assim, bem gostoso. Eu amei fazer... Eu amo... Por mim, eu apresentava toda semana aqui.

Percebe-se que, ao interrogar a participante a respeito de seus shows anteriores, a apresentadora abre espaço para retomar, novamente, as performances de Patrícia, inicialmente exibidas em tentativa de analepse³³. Essa constante aparição das realizações reforçam a ideia de que a participante fez um trabalho admirável em edições anteriores e poderá repetir no êxito no desafio presente. Tal sentido é resgatado na fala seguinte da apresentadora.

A: Bom, já deu pra perceber que você é corajosa. (Direciona o olhar para a câmera.) Mas será que ela tá preparada pra encarar o “Desafio da Máquina”? Vamos ver!

(Exibe-se a vinheta do “Desafio da Máquina”).

³² Paralelismo “é a repetição de ideias mediante expressões aproximadas” (BECHARA, 2009, p. 644). No caso, Patrícia não segue uma mesma estrutura em suas frases: enquanto algumas são completas, formadas por adjetivação e explicações mais aprofundadas, outras se limitam apenas a mencionar o nome da pessoa imitada, seguido ou não de um verbo de ligação.

³³ Analepse é a figura de construção que, mais conhecida como retrocesso ou *flashback*, é “um recuo na linha do tempo a um evento que ocorreu anterior ao tempo do discurso” (HERGESEL, 2014, p. 60).



O layout utilizado para ilustrar o quadro é semelhante à adotada pelo SBT nos sorteios do consagrado “Pião da Casa Própria”³⁴, que se acoplou à imagem de Silvio Santos. Nota-se que a constituição do círculo fatiado é distinta: enquanto o Pião é envolto por um painel de madeira que lembra a imagem das pétalas de uma flor, a Máquina é formada por faixas de luzes que partem do centro e se destinam às bordas. Ainda assim, é inviável deixar de observar a possível intenção de associar à imagem da filha a forma vinculada, por tantos anos, à imagem do pai.

A: Vamos lá, girando a roleta, então, para o “Desafio da Máquina” da Patrícia. Vamos ver quem tá aí pra você. É uma diva, mas qual diva?

(A roleta começa a girar. Todas as imagens são da Beyoncé.)

A roleta, peça central do “Desafio da Máquina”, que indicará o artista que deverá ser imitado, é notavelmente uma versão digital do icônico Pião. O inusitado, no entanto, está no fato de todas as imagens, nesse programa com a Patrícia, serem de uma única celebridade: Beyoncé. Não há, portanto, possibilidade de outro artista ser escolhido; ainda assim, ocorre uma euforia por parte da participante, que torce para a roleta parar em Beyoncé e, quando consumado o fato, comemora festivamente.

P: Beyoncé! Beyoncé!

A: Beyoncé!

P: Diva, diva, diva... Muitas divas! Uhul! Beyoncé! Beyoncé!

A: É tudo Beyoncé?

P: Que isso, meu Deus do céu!

A: Não é possível. Tem esquema com a produção. (Direciona o olhar para a participante.) Você pediu Beyoncé? (A fala ocorre enquanto a participante continua gritando: “Beyoncé! Beyoncé! Muitas divas...”.)

P: Beyoncé!

A: Não é possível.

P: Olha que linda. Olha como ela tá linda.

A: Ela ali também é a Beyoncé!

³⁴ O “Pião da Casa Própria” ou “Pião do Baú” ou ainda “Pião da Felicidade” foi um objeto cenográfico do programa “Festival da Casa Própria”, a partir de 1986, e que consistia em dar prêmios ao participante que obtivesse números iguais ou maior número após girá-lo. De 1994 a 2002 e de 2007 a 2009, o Pião ganhou um quadro no Programa “Tentação”. Posteriormente, o Pião integrou o programa “Pra Ganhar É Só Rodar”. Após um período fora do ar, o programa voltou à grade da emissora em 2016, reformulado e exibido nas noites de quarta-feira.



P: Diva máster! Diva mega!

A: Gente, como ela se transforma. Tem várias versões de Beyoncé aqui.

(A roleta para.)

P: Beyoncé! (Interjeição festiva alongada.)

Em questão de segundos, a palavra “Beyoncé” é mencionada, pelo menos, doze vezes. A epanode³⁵ gerada pela repetição incessante do nome da artista e a epizeuxe³⁶ da adjetivação “diva” frisam a ideia de que a participante é uma grande fã da cantora norte-americana e que fazer seu *cover* será uma forma de se transformar em alguém ainda mais glamorosa. Trata-se, portanto, de uma homenagem, mais do que um desafio ou uma competição.

A: Parabéns! Beyoncé. Eu só tô impressionada que cê deve ter... Ela deve ter esquema, não é possível, com a produção. Só tem Beyoncé aí. Agora, será que tem esquema também no show do Desafio? Vamos ver qual é o Desafio que a Máquina preparou para você.

(Exibe-se um trecho do clipe que deverá ser imitado.)

P: Muito, muito difícil. Mas eu amo desafio. Eu tava louca pra fazer uma diva, eu tava louca pra fazer a Beyoncé e eu acho que ninguém acredita que eu dou conta do recado, nem eu mesma acredito.

(A apresentadora sorri.)

P: Mas eu tô muito querendo ver se eu encaro. E eu tava conversando com o pessoal lá atrás, a Lu, que ela faz os ensaios, ela falou que a mulher muda depois que faz Beyoncé, fica mais... (Mostra, com a mão, seu corpo de cima a baixo.) Entendeu?

Sustentando a brincadeira de a participante não ser a mesma pessoa que a apresentadora, esta insinua que aquela negociou com a produção antes de girar a roleta. E mantendo a postura de surpresa por supostamente não saber que faria um *cover* da Beyoncé, a participante relata quão difícil será o desafio e, em anáforas³⁷ que destinam à restrição (de todas as divas, a Beyoncé; de todas as pessoas, ela própria), desabafa sua vontade de interpretar a cantora.

A comunicação imagética tem sua relevância amplificada nesse ponto. À medida que a comunicação sonora vem se centrando quase que totalmente na linguagem verbal, a visualidade oferece complemento indispensável à mensagem, sobretudo em dois momentos. O primeiro é

³⁵ Figura de construção que “se presta à exploração cômica, retórica ou lírica pelo seu caráter obsessivo [...], consiste em repetir sem cessar uma palavra” (SUHAMY, s.a., p. 70).

³⁶ Figura de construção que “se caracteriza pela repetição seguida do vocábulo” (HENRIQUES, 2011, p. 141).

³⁷ Figura de palavra (tropo) que “consiste em começar vários versos, frases ou partes de frases sucessivas pela mesma palavra ou grupo de palavras” (SUHAMY, s.a., p. 72).



a insistência de enquadrar a apresentadora consentindo calada o que a participante fala, resgatando a ideia de conversa em tempo real e da existência de duas pessoas diferentes; o segundo é o gesto que a participante faz para informar, em elipse³⁸ verbal, que interpretar Beyoncé deixa as mulheres mais seguras e atraentes.

A: Dá pra falar que esse vai ser um desafio... vai ser um dos desafios mais ousados da sua carreira. Cê tem que segurar figurino, aquele cabelo, fazer carão... Cê acha que cê vai conseguir mesmo?

P: Com certeza! Não tenho nem dúvida. Não sei nem se eu consigo fazer, mas eu tô aqui. Vamos lá. Que medo.

A apresentadora se utiliza de uma gradação em clímax³⁹ para intensificar a dificuldade de fazer uma imitação de Beyoncé, cantando e dançando simultaneamente. A hipérbole⁴⁰ gerada pela pergunta deixa a participante em conflito, fazendo com que se expresse em paradoxo⁴¹: logo após dizer que se considera capaz de se transformar em Beyoncé e realizar um espetáculo no palco, mostra-se insegura e assume que não tem certeza de que conseguirá executar a tarefa com sucesso; reconhece que é o momento de encarar, mas confessa estar medrosa.

A: Patrícia... (Chacoalha o dedo para diante de si, como que indicando a proximidade das duas Patrícias.) Te conheço, Patrícia. (Pausa.) Sei não, cê tá pronta?

P: Acho que sim.

A: Então, entra na Máquina a Patrícia Abravanel, a filha do Silvio, e volta diva e poderosa, como a estrela do pop, Beyoncé.

(A participante se dirige para a Máquina, enquanto o auditório aplaude.)

Patrícia Abravanel permanece com a estripulia expressiva de ser duas pessoas distintas, embora esclareça que conhece a outra como sendo ela mesma. A importância da Máquina –

³⁸ Figura de construção em que “a palavra subentendida não foi empregada anteriormente, pois sua presença é percebida com nitidez no contexto ou situação” (HENRIQUES, 2011, p. 147).

³⁹ Figura de pensamento que “caracteriza-se pela acumulação sucessiva de palavras ou expressões que intensificam progressiva(mente) [...] uma ideia” (HENRIQUES, 2011, p. 149).

⁴⁰ Figura de palavra (tropo) que “violenta a realidade, exagerando as ideias, não raro até o absurdo, sem que se encontre qualquer limite” (MARTINS, N., 2008, p. 265 – primeira edição em 2005).

⁴¹ Figura de pensamento na qual “conciliam-se duas ideias opostas de modo a contrariar o senso comum” (HENRIQUES, 2011, p. 149).



enquanto metonímia⁴² para se referir aos maquiadores, cabeleireiros, figurinistas, coreógrafos e preparadores vocais – para a transformação da participante é ressaltada pelo eufemismo⁴³ seguido de hipérbole que trabalham juntos.

Ao intensificar a ideia de que Beyoncé é “diva e poderosa” e “estrela do pop” e deixar em contraponto a ideia de que Patrícia seria apenas “a filha do Silvio”, como se essa antonomásia⁴⁴ não caracterizasse uma personalidade midiática relevante, a apresentadora defende a ideia de que a produção do programa é responsável por transformar alguém que só está lá por ser parente do dono – jargão que ela própria utiliza em participações no programa do pai – em uma artista multitalentosa.

Após a entrada da participante no que seria um portal especializado em modificações de personalidade, o programa prossegue com a participação de anônimos. Somente no último bloco da atração, quando do fechamento do programa, Patrícia volta transformada em Beyoncé e executa sua performance no palco, com cenário específico e bailarinos a auxiliando.

3. Considerações Finais

A alegria é o sentimento predominante no “Máquina da Fama”, caracterizada pelos sorrisos, pela música festiva, pelo movimento da iluminação e, principalmente, pelo discurso verbal estabelecido no palco. A tentativa de levar o povo à TV é outro aspecto observável: cada uma das Patrícias representa um grupo – enquanto a participante veste-se e expressa-se de modo simples, tal qual o a maior parcela dos brasileiros, a apresentadora mantém uma postura mais culta e ética, ilusão criada para as referências da Grande Mídia.

⁴² Figura de palavra (tropo) que se baseia “numa relação real e não mentada, portanto, não comparativa [...]; as relações reais de ordem qualitativa que levam a empregar [...] uma palavra por outra, a designar uma coisa com o nome de outra” (GARCIA, 2007, p. 114-115 – primeira edição em 1967).

⁴³ Figura de pensamento entendida como “meios expressivos que adoçam a brutalidade ou a inconveniência social” de ideias (LAPA, 1998, p. 21 – primeira edição em 1982).

⁴⁴ Figura de palavra (tropo) que “consiste na substituição de um nome próprio por um nome comum [...] geralmente constituída por um agrupamento de palavras” (GARCIA, 2007, p. 121-122 – primeira edição em 1967). É uma derivação da metonímia.



O jogo de cenas, intercalando a fala da participante com a da apresentadora e o registro das expressões visuais sendo feito independentemente de com quem está a voz, é o recurso utilizado para enfatizar a existência de duas pessoas no palco. Ele rompe, conseqüentemente, com a ideia de tempo presente (afinal, não há duas Patrícias num único momento real) para a construção do tempo do discurso (as personagens se comunicam dentro de uma cronologia criada exclusivamente pela narrativa).

O diálogo, por sua vez, tanto entre quem está na tela como com quem está em casa, é um fenômeno indispensável para que a narrativa se desenvolva – outro fator comumente perceptível nos programas do SBT. Além disso, há ludicidade na construção da Máquina enquanto personagem, mesmo com todos cientes de que esta é uma metonímia para indicar todos os profissionais envolvidos na produção – talvez, portanto, possa-se considerar que esta é a figura de linguagem mais relevante para a obra.

Outras figuras de linguagem utilizadas são carregadas de intencionalidade e funcionam como recursos ativadores de sentimentos no público telespectador. O polissíndeto, por exemplo, sugere o entusiasmo da participante; a aférese, seguida da quebra de paralelismo, direciona a fala da personalidade midiática ao nível coloquial de linguagem; a analepse, por si só, assume o propósito de resgate do passado para gerar expectativa, no presente, de algo que será concretizado em um futuro próximo.

As repetições são comumente demarcadas por epanodes e epizeuxes, que colaboram com a criação de uma atmosfera de euforia; já a anáfora, que geralmente ofereceria a sensação de acúmulo, tem o encargo, aqui, de restringir com o propósito vangloriar. A elipse, por sua vez, atua como transformador da modalidade linguística, deixando ao visual a missão de expressar a ideia omitida pelo verbal. Para intensificar o sentimento de dificuldade na missão a ser executada, a gradação em clímax se apresentou em companhia da hipérbole.

Notou-se ainda que o paradoxo ajuda na sensação de insegurança, passando ao público a dúvida de se a realização será bem-sucedida. De volta à hipérbole, ela cumpre outro papel ao se unir ao eufemismo, contribuindo para o destaque na transformação realizada. A antonomásia surge, nesse ponto, como uma tentativa de inferiorizar o “antes” e superiorizar o “depois”. Por



fim, é possível dizer que, a filha do Silvio Santos entrou na Máquina e voltou Patrícia Abravanel, com personalidade própria, mas respeitando o estilo sbtista de encenar.

Referências

- BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**. Paris: Klincksieck, 1909.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORDWELL, David. **Sobre a História do Estilo Cinematográfico**. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2013.
- BUTLER, Jeremy G. Notes on the Soap Opera Apparatus: Televisual Style and “As the World Turns”. **Cinema Journal**, ed. 25, n. 3, p. 53-70, 1986.
- PUCCI JR., Renato. Sobre a história do estilo cinematográfico (Resenha). **REBECA: Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, São Paulo, ano 3, ed. 5, p. 1-6, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/KmC37C>>. Acesso em: 03 fev. 2016.
- GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar**. 26.ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- GUIRAUD, Pierre. **A estilística**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- HERGESEL, João Paulo. **Estilística aplicada à websérie**. Saarbrücken (Alemanha): Novas Edições Acadêmicas, 2014.
- KILPP, Suzana. Sentidos identitários de programação em TVs on-line. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, v. 18, n. 3, p. 1-17, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/xizhzk>>. Acesso em: 15 fev. 2016.
- LAPA, Manuel Rodrigues. **Estilística da Língua Portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MARTINS, Nilce Sant’Anna. **Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- MARTINS, Rafael Barbosa Fialho. Resgate histórico das vinhetas do SBT: a busca por um “estilo sbtista”. **CoMtempo**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 1-16, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/FW4TOC>>. Acesso em: 15 fev. 2016.
- MONTEIRO, José Lemos. **A estilística: manual de análise e criação do estilo literário**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SOSA, Silvia Maria de. **Silvio Santos vem aí: programas de auditório do SBT numa perspectiva semiótica**. Niterói: Editora da UFF, 2011.
- SUHAMY, Henri. **As figuras de estilo**. Porto (Portugal): Rés, [s.a.].